O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 16 | Nº 46 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.10022559

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

"SER ESTRANHO" EM FORMAÇÃO: OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR SUJEITOS LGBTs EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO NORTE BAIANO

Kelvi da Silva Oliveira [1]

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega [2]

Resumo

A construção dos direitos da comunidade LGBT se depara com desafios de múltiplas ordens que linha de regra refletem um processo de invisibilização dos sujeitos pertencentes a esta comunidade. As fraturas sociais e legais apontam para a pessoa LGBT como um ser "estranho" frente a normatização imposta pelo padrão heteronormativo, neste sentido é fundamental discutir sobre a deslegitimação dos corpos LGBTs por meio da ordem social e entender estas relações no âmbito da educação. O objetivo desta pesquisa é apresentar os desafios enfrentados por sujeitos LGBTs em uma escola da Educação Básica no norte baiano. Deste modo, evidenciando a desconstrução de concepções naturalizadas, que geram inquietações aos indivíduos pela experiência escolar, bem como os conceitos que integram esta discussão, dos quais, é possível destacar o gênero, a sexualidade e a identidade de gênero. Metodologicamente esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, de tipo descritivo e explicativo, com o método de estudo de caso único, por trabalhar aspectos subjetivos relacionados aos fenômenos sociais. Deste modo, realizou-se um questionário que foi aplicado a dez sujeitos de uma escola da educação básica no norte baiano, posteriormente estas narrativas foram trabalhadas à luz da técnica da Análise Textual Discursiva - ATD possibilitando a elaboração de duas categorias centrais de análise: discriminação social e respeito à diversidade. Todos os participantes da pesquisa integram à comunidade LGBT e suas respostas serviram de narrativas para construção de reflexões, sendo essenciais para o avanço de políticas de tolerância, visando a igualdade, bem como as contribuições da temática LGBT, principalmente no que concerne aos discursos predominantes no espaço-tempo da escola. Como resultados e conclusões, foi possível compreender que os sujeitos LGBTs produzem suas histórias e criam modos de vida, pelo fato de serem vistos como uma parcela minoritária dentro do processo educacional, precisando, de forma contínua, lutar por direitos e garantias, assim como por mais representatividade a fim de conquistar espaços sociais de inclusão e respeito.

Palavras-chave: Comunidade LGBT; Gênero e Sexualidade; Inclusão e Diversidade.

Abstract

The construction of LGBT community rights faces challenges of multiple orders, which typically reflect a process of invisibility of individuals belonging to this community. Social and legal fractures point to LGBT individuals as "strange" in the face of the normativity imposed by the heteronormative standard. In this sense, it is crucial to discuss the delegitimization of LGBT bodies through the social order and understand these relations in the context of education. The objective of this research is to present the challenges faced by LGBT individuals in a Basic Education school in northern Bahia. In doing so, it highlights the deconstruction of naturalized conceptions that generate discomfort for individuals through their school experience, as well as the concepts that are part of this discussion, including gender, sexuality, and gender identity. Methodologically, this research employs a qualitative, descriptive, and explanatory approach, with a single case study method, focusing on subjective aspects related to social phenomena. A questionnaire was administered to ten individuals from a Basic Education school in northern Bahia. Subsequently, these narratives were analyzed using the Textual Discursive Analysis (TDA) technique, allowing for the development of two central categories of analysis: social discrimination and respect for diversity. All participants in the research are part of the LGBT community, and their responses served as narratives for the construction of reflections, which are essential for advancing policies of tolerance, aiming for equality, as well as contributions to the LGBT theme, particularly regarding the predominant discourses in the school's space and time. As for results and conclusions, it was possible to understand that LGBT individuals create their stories and ways of life, as they are seen as a minority within the educational process, constantly needing to fight for rights and guarantees, as well as greater representation to achieve social spaces of inclusion and respect.

Keywords: Gender and Sexuality; Inclusion and Diversity; LGBT Community.

[1] Graduando em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: kelvi.oliveira@discente.univasf.edu.br

[2] Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: pedro.nobrega@univasf.edu.br

INTRODUÇÃO

Por que a necessidade de estudar temáticas ligadas ao gênero e à diversidade humana? Qual o parâmetro legal entre a construção social da Comunidade LGBT e os meios democráticos de ensino? Como construir ambientes escolares inclusivos e que respeitem a diversidade de todos? Como que a escola pode contribuir para a formação de sujeitos menos violentos e preconceituosos?

Tais questionamentos possuem grande relevância na sociedade, principalmente no que diz respeito ao combate a estereótipos e preconceitos. Infelizmente, durante muito tempo e até o presente, em alguns contextos, as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero foram ignoradas ou reprimidas nas escolas, o que levou a um ambiente hostil para os membros da comunidade escolar que se identificam como sujeitos LGBTs.

Ao curso desta pesquisa, investigou-se as percepções de sujeitos LGBTs, levando em consideração a desconstrução de concepções naturalizadas, buscando incorporar a diferença como valor em torno de suas vivências e margens dos discursos socialmente legitimados. Assim, objetivou-se apresentar os desafios enfrentados por sujeitos LGBTs em uma escola da Educação Básica no norte baiano; trazendo à tona a importância da pluralidade em contraposição aos modelos binários e as indagações sobre as suas narrativas. Neste sentido, abordando os esforços de entendimento e os questionamentos das significações que ampliam os espaços nos quais os sujeitos têm o direito de ocupar, possibilitando a construção de práticas que impõem como condição a inclusão da diversidade. Não havendo espaços que justifiquem atitudes hostis e de caráter violento. Concomitantemente, e levando em consideração o ambiente empírico, foram utilizados recursos metodológicos da pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, em que as narrativas reforçam as reflexões, bem como a materialidade atravessada pelas expectativas sociais de uniformização.

À luz da teoria Queer, entende-se que os corpos fora do padrão heteronormativo se encontram em "descompasso" social, uma vez que os gestos, as performances, a maneira de se impor no mundo não correspondem à expectativa do masculino ou feminino neles. Essa condição leva a um estranhamento do sujeito que se apresenta como desviante da "normalidade" e nos demais que olham para esse sujeito com desconfiança e atribuem a ele falta de pertencimento. Essa condição faz emergir um ser estranho como categoria de análise, alguém que cresce pelas bordas do permitido-interditado pela sociedade, impactando o sujeito em inúmeras dimensões da sua vida familiar, social, afetiva, sexual etc.

O ser estranho se constitui como alguém que vive o tempo todo fora de qualquer enquadramento social e por isso não se reconhece em nenhum lugar padrão da sociedade. É possível classificar o

estranho como sendo objeto que constitui uma categoria que não se deixa categorizar, sendo, portanto, resistente a qualquer tipo de posse. É importante considerar que no ambiente escolar, esse ser estranho ainda se apresenta com mais ênfase, uma vez que consideramos os dramas da adolescência e as ebulições biológicas e sociais do corpo em processo de descobrimento da sua sexualidade.

Por esta razão, ao abraçar a diversidade, a escola se torna, inequivocamente, um ambiente mais inclusivo, reverente e enriquecedor para todas as pessoas que ali se encontram, em especial, os alunos, aparecendo como referência no combate à discriminação e as formas de preconceito, asseverando o respeito aos direitos dos mais vulneráveis e à conquista de todos. Outrossim, é importante que os alunos disponham de oportunidades, sobretudo no que tange à aprender e lidar com as diferenças, desenvolvendo assim, habilidades elementares que contribuem para vivência em uma sociedade que seja plural e mais inclusiva.

Concomitantemente, nota-se que a escola e a diversidade são elementos que estão intrinsecamente relacionados, seja pela objetivação integral dos alunos, seja pela necessidade de construir um ambiente escolar capaz de se instituir plenamente igualitário. Assim, podendo ser compreendida sob diversas perspectivas, cabendo a todas elas, a busca pela aceitação e o respeito ao contraditório, requisitos esses, fundamentais para promover a abordagem acolhedora e respeitosa em relação à diversidade.

O recorte teórico-conceitual está centrado nas questões ligadas à diversidade, bem como ao gênero e à sexualidade, sendo considerados para além do discurso biológico, isto porque, tradicionalmente, essa temática tem sido tratada de forma quase que exclusiva nos currículos das disciplinas de Ciências e Biologia, o que legitima uma prática pedagógica constituída de uma abordagem naturalista, deixando de entender as condições sociais, políticas e culturais da construção de gênero e do exercício da sexualidade humana. A superação do discurso biológico e a construção de uma perspectiva mais ampla destas temáticas atuam para romper com os paradigmas culturais que prezam pela pluralidade e pelas distintas formas de fomentar a inclusão e de compreender a diversidade humana.

As teorias cognitivas do construtivismo atuam de modo despretensioso ao se relacionarem com o gênero, isto porque, quando as crianças aprendem que existe dois gêneros distintos passam a reconhecer a amplitude dos modelos binários, adaptando seus comportamentos e construindo sua identidade com base nas expectativas que possuem sobre o seu respectivo gênero. Ademais, observa-se que a pressão social para cumprir expectativas especificas de caráter pessoal, por muitas vezes leva os indivíduos a "aceitar" o sexo que não desejam para evitar desgastes e sofrimento, uma vez que, atitudes estereotipadas associadas aos tipos de gênero estão eminentemente interligadas a aceitação. A sexualidade não se limita apenas à atividade sexual, mas também envolve a forma como nos

relacionamos com nossos corpos, com outras pessoas e como experimentamos e expressamos emoções e afetos. Em muitas sociedades a sexualidade foi historicamente rodeada de tabus, preconceitos e normas restritivas. No entanto, nas últimas décadas, tem havido uma abertura crescente para discutir e entender a sexualidade de forma mais inclusiva, respeitosa e livre de estigmas. Respeitar a diversidade de expressão da sexualidade é fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva, em que cada indivíduo possa viver sua sexualidade com segurança e liberdade, sem medo de julgamentos. Uma abordagem empática e respeitosa em relação à sexualidade é essencial para a estruturação democrática da sociedade.

Neste sentido, os discursos que abordam a masculinidade, bem como suas limitações no que diz respeito à educação e à pluralidade, estão relacionados, de forma expressa, com as experiências cotidianas de alunos, assim como com o seu desenvolvimento no que concerne à inclusão da diversidade. Deste modo, é possível observar que a escola restringe a sexualidade, principalmente no que tange à dimensão multifacetada de experiências e vivências afetivas sexuais. Assim, nota-se que os tabus ligados a esta temática seguem sendo amarras que aprisionam os educadores a condutas arcaicas, não permitindo evoluir. O tema da sexualidade, além de transversal, enfatiza a compreensão da diversidade humana e social perante a sociedade.

A escola, enquanto agente que visa transformar, possui a necessidade de romper com estereótipos e as distintas formas de preconceito, tratando, de forma elementar, a pluralidade, e assumindo como uma de suas bandeiras a luta pela aceitação das diferenças entre os alunos. A diversidade sexual não deve ser limitada apenas a modelos binários, o masculino e o feminino, pois desta forma, age de forma reducionista aos preceitos identitários, negando a existência e regredindo no âmbito social dos indivíduos. Outrossim, faz-se necessária uma discussão aprofundada, cujo objetivo seja expressar, de forma democrática, os distintos modos de interação social, atentando para as práticas isonômicas, bem como para igualdade e o respeito, principalmente no que tange à diversidade e à garantia constitucional legalmente estabelecida a todos os cidadãos.

PROCEDIMENTOS MÉTODOLOGICOS

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa possui caráter qualitativo por trabalhar aspectos subjetivos relacionados aos fenômenos sociais, buscando compreender através das narrativas dos sujeitos envolvidos um elevado grau de descrição, visando contribuir para discussões, bem como reflexões sobre a temática. O método escolhido foi o estudo de caso, que segundo André (2013), é

fundamental para o enquadramento das percepções dos sujeitos, sobretudo no que tange o contexto da realidade, possuindo características relevantes para o processo de construção e multiplicidade de dimensões no que diz respeito a pluralidade das diversas óticas referente aos fenômenos educacionais no contexto em que possibilita descrever ações e comportamentos. Ademais, e mediante a abordagem qualitativa, o estudo de caso aparece como elemento abrangente e fundamental para valorização do aspecto unitário, ressaltando nesses termos, a análise situada e em profundidade. Assim, o estudo de caso, inicialmente, começa com uma certa abrangência, que vai se delineando ao passar do estudo. Desta forma, o conhecimento gerado através do estudo é visto como concreto e mais contextualizado, sendo, por assim dizer, mais voltado para interpretação do leitor.

A pesquisa é do tipo descritiva e explicativa. Oliveira e Mendonça (2012) tal como Souza, Andrade e Magalhães (2021) tratam a pesquisa descritiva como sendo essencial para descrever as características de um grupo, abordando características especificas, como a interpelação através de questionários, levantamento de opiniões e atitudes, visando relacionar o impacto das narrativas com o desenvolvimento dos sujeitos e o progresso social na sociedade. No que tange a pesquisa explicativa, Gil (2002) pontua que a preocupação central deste tipo de pesquisa, está eminentemente relacionada a complexidade dos fatores que contribuem na ocorrência dos fenômenos, exigindo que esteja abastadamente descrito e detalhado, levando em consideração, principalmente, o conhecimento da realidade.

Para tanto, as pesquisas do tipo descritiva e explicativa, procuram ser, sob a lógica estrutural, mecanismos de complementação, isto porque, agem de forma concomitante para contribuir assiduamente com o marco teórico. Assim, possibilitando uma maior adequação do ponto de vista empírico com os dados adquiridos dos sujeitos, correspondendo suas vivências e realidades.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, inicialmente, realizou-se a construção de um questionário, relacionado ao tema do qual trata o presente trabalho, a fim de encontrar narrativas referente às questões de gênero e sexualidade na escola. Neste sentido, foram feitas 16 perguntas, como consta no quadro 1.

Durante a construção das perguntas, procuramos abordar, de forma categórica, a importância do gênero e da sexualidade no contexto educacional. Tendo, posteriormente, a pretensão de obter um fluxo de narrativas, que pudéssemos, em seguida, analisar e discutir, levando em consideração a relevância e significância da escola, sobretudo no que tange à inclusão de sujeitos LGBTs.

Quadro 1 - Total de perguntas feitas

Questionário
1. Como é ser LGBT na escola?
2. Como você se sente em relação a sua sexualidade na escola?
3. Você se sente seguro/a para se expressar como LGBT na escola?
4. Você já sofreu algum tipo de violência, seja física ou verbal dentro da escola? Se sim, poderia nos relatar?
5. Em caso de ter sofrido alguma forma de violência havia testemunhas? Alguém veio ao seu socorro?
6. Alguém já falou alguma piada preconceituosa enquanto você passava?
7. Como é a aceitação dos colegas?
8. Você tem um grupo de amigos em que se sente que eles respeitam a sua sexualidade e o seu gênero?
9. Dentro da sua rede de segurança, existe diferença de comportamento entre aqueles que se identificam como heterossexuais e aqueles que não?
10. Existe apoio por parte dos professores?
11. Há visibilidade para as pessoas homossexuais e transexuais na escola?
12. Você enxerga a escola como um espaço acolhedor?
13. Você enxerga a escola como um espaço repressor?
14. Como se sente quando chega a hora de se preparar para ir para escola? E a forma que você se sente tem a ver com alguma espécie de violência que sofre na escola?
15. Você já pensou em parar de frequentar a escola em função da sua sexualidade e/ou identidade de gênero?
16. Você teria sugestões de como melhorar o ambiente da escola em relação a aceitação da diversidade humana?

Fonte: Elaboração própria.

Partindo do ponto de vista da identificação, este que foi o primeiro momento do questionário, os sujeitos são inquiridos sobre o gênero, sexualidade, idade e série que frequentam, uma vez que, esses questionamentos são fundamentais para compreendermos a forma com a qual o sujeito se identifica. O roteiro foi respondido por um total de 10 pessoas, como demonstrado no quadro 2.

Quadro 2 - Identificação dos sujeitos da pesquisa

	Gênero	Sexualidade	Idade	Série
Sujeito 1	Feminino	Transexual	18	3º E.M.
Sujeito 2	Masculino	Gay	19	3º E. M.
Sujeito 3	Feminino	Bissexual	18	3º E. M.
Sujeito 4	Masculino	Gay	19	3º E. M.
Sujeito 5	Masculino	Bissexual	18	3º E. M.
Sujeito 6	Feminino	Bissexual	18	3º E. M.
Sujeito 7	Masculino	Gay	18	3º E. M.
Sujeito 8	Feminino	Bissexual	18	3º E. M.
Sujeito 9	Feminino	Bissexual	18	3º E. M.
Sujeito 10	Feminino	Lésbica	18	3º E. M.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme podemos observar no quadro 2, todos os sujeitos possuem entre 18 e 19 anos, e frequentam a mesma série do ensino médio. Interessante pontuar isso, pois são sujeitos com particularidades semelhantes, mas com narrativas diferentes, e essa compreensão é observada, de forma significativa, na análise das narrativas dos sujeitos nesta pesquisa.

Para a análise dos dados, será utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD), que segundo Moraes e Galiazzi (2006) é fundamentada a partir de três fases: unitarização, categorização e

comunicação. Podendo ser compreendida como um processo de construção, levando em consideração a auto-organização e a compreensão, que de forma elementar, emerge com base na desconstrução dos textos do *corpus*. O ciclo de operação da ATD, apresenta-se de forma essencial, principalmente no que diz respeito à possibilidade da elaboração de sentidos e significados, concedendo ao leitor, maior compreensão no domínio das teorias emergentes.

Para Moraes (2003), o corpus de análise textual é apontado como precípuo basilar, uma vez que é consubstancialmente constituído a partir de produções textuais. Assim, havendo a viabilidade de serem expressados mediante a relevância de determinados fenômenos, que podem, sobre critérios fundamentados, serem lidos, descritos e interpretados. Infere-se, portanto, que esta necessidade pode ser compreendida como fundamental para a compreensão do modelo de análise. Isto porque, os textos que compõem a ATD, além de serem entendidos como produções linguísticas, tendem a ser vastos na multiplicidade de sentidos.

Ao percorrer os caminhos da ATD, observa-se dentre suas perspectivas, a segurança no que tange a coleta de informações, isto porque, este tipo de metodologia proporciona aos pesquisadores uma formação autoral, levando em consideração, a priori, vivências teóricas e históricas que serão fundamentais para a construção de argumentações autorais. Desta forma, evidencia que toda e qualquer leitura, dentro do âmbito da análise, pode ser considerada parte da interpretação, que por sua vez, possibilita discussões com base na construção feita a partir do ciclo de operação, determinado pelas fases essenciais da ATD. Este processo de pesquisa é auto-organizado, e demanda do pesquisador um aprofundamento nas informações coletadas para que possam ser analisadas visando a qualificação dos resultados (MORAES; GALIAZZI, 2006).

CATEGORIAS DESENVOLVIDAS A PARTIR DA ATD

Após definida as perguntas, e tendo acesso as respostas e identificação dos sujeitos desta pesquisa, passamos a organizar as narrativas usando os processos da ATD. Inicialmente, foi utilizada a unitarização para examinar os materiais nos mínimos detalhes, estabelecendo relações entre cada unidade. A seguir, utilizamos a categorização para agrupar os componentes similares. As categorias vão se qualificando, uma vez que, são descobertas e reconstruídas em diferentes níveis com frequência, garantindo que sejam agrupadas por serem semelhantes, tendo um certo nível de aproximação. Ao final da etapa de categorização foi possível encontrar dois tipos de categorias: discriminação social e respeito à diversidade.

Na categoria *discriminação social* são destacadas as condutas que visam as práticas preconceituosas no cenário educacional, bem como a falta de inclusão no que tange aos direitos individuais de cada sujeito, sendo expressa a partir das interações cotidianas, que sob a lógica realista, enxerga condutas irresponsáveis como sendo um mecanismo de fragilidade, que precisa, urgentemente, ser reparada. Assim, impossibilitando a desigualdade, e as distintas formas de enfraquecer a moralidade ética. Levando em consideração a centralidade atual, a discriminação prejudica, de forma considerável, a pluralidade, bem como a condição de vida humana, que é vista como essencial para a garantia da igualdade e do bom funcionamento das relações sociais, principalmente no que diz respeito aos meios de ensino e ao avanço do cenário educacional como um todo.

Em contrapartida, na categoria *respeito à diversidade*, destaca-se a promoção da igualdade, bem como os modos de expressar a sexualidade sem medo e na sua essência. Garantindo desta forma, a ampliação da diversidade humana, e a amplitude nas dimensões representativas, sobretudo no que tange o respeito às questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Outrossim, o respeito à diversidade deve ser apresentado como uma questão basilar no que concerne às relações interpessoais, assim como no desenvolvimento do cenário educacional como um todo, buscando a partir da efetivação de políticas públicas, uma sociedade mais equitativa, justa e humanitária.

ENTRE A DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DO RESPEITO À DIVERSIDADE

Considerando como referência o resultado da aplicação da ATD, tivemos como horizonte de investigação entender as narrativas dos sujeitos, levando em consideração a abordagem de temáticas voltadas à questão do gênero e da sexualidade na escola. A análise dos roteiros traz, inicialmente, a importância da diversidade no contexto educacional, sobretudo no que tange às ideias e aos pensamentos plurais.

Sousa *et al.* (2022) destacam as narrativas acerca da Comunidade LGBT no âmbito plural das experiências e histórias vivenciadas dentro do espaço democrático de ensino. Cada indivíduo traz consigo uma jornada pessoal e uma perspectiva única. Além disso, surge de forma inexorável, receios e preocupações, principalmente no que diz respeito à narrativa e à significância do cidadão quanto a sua respeitabilidade. Um exemplo disso é a importância da política educacional em que

> [...] los contextos en los que se declara que estas temáticas se han incorporado en las aulas (principalmente países anglosajones y escandinavos) tienen como característica común, que la política educativa nacional ha construido un telón de fondo en cuanto a la creación de legislaciones y normativas contra la homofobia y a discriminación pormotivos de orientación sexual e identidad de género. Dichas regulaciones han tenido el poder de impactar en el espacio escolar y en sus actores, desde la legitimidad potencial que docentes y directivos reconocen en

> las políticas para abordar la diversidad sexualy de género, hasta en la implementación de distintas acciones: currículosinclusivos, políticas anti-discriminación internas, conformación de espacios de asociación y grupos de apoyo (MARSHALL, 2022, p. 21).

Desta forma, Melo, Mendonça e Cardoso (2023) destacam que o ambiente escolar é sempre colocado contra a parede, e como alternativa, é necessário elevar o debate, não em nome da defesa do embate político e ideológico, mas sim da indispensabilidade do papel do Estado diante da construção social, que nesses termos, é tida como base essencial para conformação e avanço da sociedade. Na contemporaneidade esta discussão é vista com um olhar de prudência e certa adequação, principalmente no que tange à heteronormatividade e aos desafios que são impostos por ela, em especial, nos meios de ensino, cujos quais visam a manifestação de várias formas da cultura e nas instituições sociais.

Para Luh *et al.* (2023) os estudantes LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis) vivenciam uma série de resultados ruins no que tange a transição do ensino médio para a faculdade quando comparado com os seus colegas heterossexuais, e portanto, é provável que moldem diferentes formas de se expressar e vivenciar os seus desejos, pois é neste momento que começam a surgir as dificuldades de lidar com a diversidade, o gênero e a sexualidade. Por esta razão, a escola é considerada um ambiente fundamental para promoção do respeito e da diversidade, incluindo a Comunidade LGBT, para que desta forma, contribua para o progresso individual dos sujeitos. Observa-se que é nesse contexto que crianças e jovens têm a imensa oportunidade de aprender sobre a diversidade humana e a importância da pluralidade, desenvolvendo, a partir daí, empatia e respeito ao próximo. Desta forma, a escola exerce um papel crucial na promoção e valorização da diversidade humana e cultural, uma vez que se fundamenta como ambiente de sociabilização fundamental para a construção de formas inclusivas e respeitosas de convivência (TAVAREZ, 2023).

No quadro 3 é possível observar um conjunto de narrativas que foram classificadas a partir da ATD como compondo o universo categorial da discriminação social. É importante destacar que a noção da discriminação social impõe a pessoa LGBT a sua condição de ser estranho. A consequência direta da atuação dos corpos estranhos em meio a um ambiente hostil é facilmente associada a um conjunto de cenários de violência e medo. Os sujeitos LGBTs sentem-se estranhado dentro do ambiente escola, mas também no entorno do mesmo, quer seja nos caminhos percorridos, quer seja pelo olhar de discriminação do outro em múltiplas camadas.

Reforça-se que a discriminação social, além de causar traumas e situações que marcam de forma cruel o sujeito, é apresentada como regressão da sociedade, principalmente no que diz respeito ao cenário educacional e a pluralidade, que é posta, na maioria das vezes, de forma simplista, talvez pela condição hierárquica do preconceito, ou da minimização da interação, no que tange as relações sociais.

Quadro 3 - Narrativas da categoria discriminação social

Sujeitos	Narrativas
Sujeito 1	"Ser LGBT no colégio, sendo uma mulher trans, é super difícil, ouvimos piadinhas de todos os lados, e transfobia a todo momento."
Sujeito 1	"Eu não me sinto segura para me expressar como uma mulher trans no colégio, principalmente pela falta de respeito e empatia ao próximo, que na maioria das vezes, é demonstrada através da direção, porteiros e alguns professores."
Sujeito 1	"Violência verbal já sofri muitas, principalmente vindo de alguns alunos, e da diretora (pelo fato dela não me respeitar como uma mulher trans, e a todo momento me tratar no gênero masculino)."
Sujeito 1	"Acredito que eles (colegas) não tenham nada contra a minha sexualidade, só não me querem por perto, como se eu fosse uma doença ou algo vergonhoso."
Sujeito 1	"Quando chega a hora de ir para escola, não é um dos melhores momentos ou sentimentos, principalmente no início da minha transição, eu buscava sempre a validação, e estar a todo momento feminina, para que desta forma, ninguém pudesse me tratar no masculino. E mesmo assim, acontecia o que eu mais temia."
Sujeito 3	"Não me sinto 100% segura dentro do ambiente escolar, diria que sinto até um pouco de vergonha."
Sujeito 3	"Para algumas pessoas eu tenho medo de falar que faço parte da comunidade LGBT, porque não sei qual vai ser a reação da pessoa, então eu penso (e se ela me tratar de forma diferente por eu ser bissexual), esses pensamentos me deixam ansiosa e com medo."
Sujeito 3	"Pelo fato de não ser assumida, já ouvir muitas coisas de parentes, como por exemplo, falas preconceituosas dirigidas a outras pessoas da comunidade. São situações que me marcaram muito negativamente."
Sujeito 5	"Já ouvi várias piadinhas sem graça."
Sujeito 6	"Alguns homens, não todos, mas a maioria, tratam com diferença, aqueles que não se identificam como sendo heterossexuais, como se sentissem superiores."
Sujeito 6	"Quando chega o momento de me arrumar para ir para escola, sinceramente fico desanimada, não pela questão de sofrer alguma coisa relacionada a minha sexualidade, falo pelo cansaço mental."
Sujeito 6	"Já sofri agressões verbais, através de piadinhas. Haviam testemunhas, mas ignoraram."
Sujeito 7	"Ser LGBT na escola é um martírio, na maioria das vezes, os professores e colegas não estão preparados para o convívio harmônico entre entes da comunidade."
Sujeito 7	"Não me sinto totalmente pronto para me assumir, não são todas as pessoas que têm a mentalidade para aceitar e respeitar."
Sujeito 7	"Já me falaram piadas preconceituosas, na verdade, é o que mais existe."
Sujeito 10	"Com relação a aceitação dos meus colegas, alguns aceitam, outros fingem, e alguns percebo que odeiam."
Sujeito 10	"Já pensei em parar de frequentar a escola, mas não paro pois é algo essencial."
Sujeito 10	"Ser LGBT na escola é acima de tudo estranho."

Fonte: Elaboração própria.

Desta forma, cabe mencionar a possibilidade de alunos LGBTs compartilharem suas jornadas de autodescoberta e aceitação de sua orientação sexual e identidade de gênero. Isso pode envolver a exploração de sentimentos e experiências na compreensão de quem eles são. Histórias sobre o apoio que os alunos LGBTs encontraram de amigos, colegas, professores e aliados na escola possuem grande relevância. Afinal, o apoio aos alunos LGBTs é fundamental para criar um ambiente educacional inclusivo, seguro e respeitoso.

> Nesse aspecto, quando a escola proporciona aos alunos apoio, aceitação e tolerância, o espaço de convivência se torna mais atraente, a conduta da escola determina a conduta dos educados, nesse sentido, os indivíduos interagem com facilidade, trocando ideias e construindo relações de paz e

> cooperação, essa dinâmica de compartilhar as experiências, entender o outro faz parte da aprendizagem (MOTA; PORDEUS, 2023 p. 3).

Corroboramos com Pedroso *et al*. (2023) quando afirma que a escola deveria ser um ambiente onde a construção das práticas igualitárias, o respeito e a equidade social fossem de fato levados a sério, tornando-se a fonte de hábitos cotidianos. Observa-se a partir das narrativas analisadas que, no entanto, o ambiente escolar e muitos que a ele participam não se comportam de forma adequada, isto porque, a escola, por vezes, silencia-se e ignora os casos de homofobia, principalmente quando esses casos são cometidos por membros do corpo docente e funcionários da unidade escolar. O respeito é terceirizado, e a falta de humanidade é observada de forma dolorosa. Assim, no quadro 3, o sujeito 1, é categórico quando pontua que:

> Eu não me sinto segura para me expressar como uma mulher trans no colégio, principalmente pela falta de respeito e empatia ao próximo, que na maioria das vezes, é demonstrada através da direção, porteiros e alguns professores (S1).

Os direitos fundamentais de cada indivíduo, devem e precisam ser respeitados. A diversidade, tal como a pluralidade social, contribui para a efetivação de práticas isonômicas, sobretudo no que diz respeito à diversidade humana e à formação social do indivíduo no ambiente escolar. A fim de sistematizar as expectativas sócio–culturais que estão eminentemente relacionadas à terminologia binária, que é caracterizada de forma simplista, através do heterossexual e homossexual, as narrativas desempenham um papel crucial na compreensão das relações entre discursos, identidades e sociedade. Elas são mais do que simples histórias, são veículos poderosos que moldam raízes, afetam identidades individuais e coletivas, e refletem nas dinâmicas sociais e culturais de uma época e de um lugar específico.

Existe, por assim dizer, o entendimento de disputas relacionadas a questões que tratam do gênero e da diversidade no ambiente escolar. No quadro 3 os sujeitos 1 e 3 abordam esta questão de forma cabal, quando afirmam que: “ser LGBT no colégio, sendo uma mulher trans, é superdifícil, ouvimos piadinhas de todos os lados, e transfobia a todo momento (S1).” [...] “não me sinto 100% segura dentro do ambiente escolar, diria que sinto até um pouco de vergonha (S3).” Storino e Amaro (2017) abordam o conservadorismo como epicentro causal dessas disputas que envolvem a sexualidade, criando uma certa ojeriza para temáticas inclusivas, que têm como objetivo contribuir para a garantia dos direitos humanos, e respeitabilidade no tocante ao gênero e aos tipos de identidades, garantindo o pluralismo, e tratando como indiferente às práticas binárias que atuam de forma sistemática para regressão da sociedade.

> Analizar las formas de transitar la escuela secundaria de jóvenes trans que se reconocen como travestis, transexuales, transgéneros, feminidades o masculinidades trans, tal como se anticipó, reviste un conjunto de reparos, tensiones y paradojas en torno a los obstáculos que implica para estos/as jóvenes los trayectos escolares (BAEZ, 2017, p. 19).

À vista disso, e levando em consideração a importância da temática que trata a respeito da diversidade, cabe mensurar que as discussões de gênero, tal qual o combate ao preconceito e a discriminação nas escolas, atingem de forma frontal a construção das interações sociais, isto porque, retarda a possibilidade de exequíveis transformações nos espaços formais de ensino. A defesa moral, defendida constantemente por conservadores, é por vezes, insensível, sobretudo nos casos em que a intenção de discriminar é vista como algo proposital, que afeta a singularidade individual dos cidadãos, única e exclusivamente por causa da sexualidade, impossibilitando quase que de imediato a expansão do progresso social na sociedade.

A diversidade, na expressão da sexualidade, é um fato inegável, principalmente se levado em consideração que a vivência da sexualidade acontece de forma única e pessoal, podendo ser influenciada por fatores culturais e sociais, tornando-a uma experiência profundamente subjetiva. Andreani, Ivankovic e Diaz (2023) pontuam a necessidade dos indivíduos entenderem e explorarem a sexualidade, isto é, de forma consensual, respeitosa e segura. Assim, abordando as diferentes barreiras encontradas entre a heteronormatividade e o patriarcado, sobretudo no que tange a norma de inteligibilidade da identidade dos indivíduos, sinalizando que tudo aquilo que desvia de sexo e gênero é sistematicamente desumanizado. A compreensão aberta e empática da sexualidade é um passo importante para promover o bem-estar e a saúde emocional de todas as pessoas, permitindo que cada um viva sua sexualidade com confiança e liberdade.

> É fundamental que a comunidade escolar esteja consciente das políticas de inclusão para que elas tenham eficácia. Em alguns casos, educandos, pais e educadores desconhecem as políticas de segurança nas escolas e acreditam que não existem procedimentos para lidar com a expressa proteção de estudantes que são (ou são percebidos como) LGBTQ (RIBEIRO, 2020, p. 11).

No fragmento apresentado por Ribeiro (2020) é possível perceber a necessidade de implementação de políticas públicas e o combate irrestrito do preconceito e da discriminação aos estudantes. Garantindo que a inclusão da diversidade pode prevalecer e os conceitos essenciais de cidadania podem atuar de forma democrática, abordando temáticas inclusivas e possibilitando o respeito à interação social. A isonomia é a garantia de lutas e confrontos por parte da sociedade, visando a representatividade e a pluralidade para além dos modelos binários, que por sua vez, asseguram a igualdade e as distintas formas de viver a diversidade.

Em suma, a violência na escola se apresenta como prática consequente da atuação humana, como apresentado pelo sujeito 6, quando diz: "já sofri agressões verbais, através de piadinhas. Haviam testemunhas, mas ignoraram" (S6). Bem como a narrativa do sujeito 1, quando declara que:

> Violência verbal já sofri muitas, principalmente vindo de alguns alunos, e da diretora (pelo fato dela não me respeitar como uma mulher trans, e a todo momento me tratar no gênero masculino) (S1).

Essas práticas subvertem a pluralidade do ambiente escolar, inserindo o medo e os mais sórdidos tipos de discriminação e preconceito aos indivíduos, afetando, principalmente o desenvolvimento social e a relação intersocial dos alunos. Queiroz *et al*. (2016) pontuam que, o ambiente escolar, além de influente e relevante para o cenário educacional, possui a anuência de garantir feitos que possibilitem mais representatividade e destaque para as múltiplas demonstrações culturais, levando em consideração a sexualidade, o gênero e a construção dos tipos de identidade.

De acordo com Torres (2017), as formas de expressar a sexualidade estão eminentemente relacionadas com a história de vida das pessoas, principalmente no que se refere às experiências sexuais. Isto denota que cada cidadão possui a liberdade de reproduzir e elaborar diferentes compressões sobre a singularidade individual da sexualidade. Neste sentido, o sujeito 7 narra abordagens preocupantes, sobretudo quando afirma que: "ser LGBT na escola é um martírio, na maioria das vezes, os professores e colegas não estão preparados para o convívio harmônico entre entes da comunidade" (S7). [...] "já me falaram piadas preconceituosas, na verdade, é o que mais existe" (S7).

Nessa linha de pensamento, os ideais do corpo e da mente passaram a ter como referência a existência da cultura, demonstrando como a sexualidade é envolvida na pluralidade cultural, que é definida sobre a ótica das relações sociais existentes, transformando de forma gradativa os ideais arcaicos perpetrados na sociedade, com a intenção de expandir o progresso social.

Existe, por assim dizer, perspectivas de entendimento no que concerne à diversidade sexual a partir do contexto sócio-histórico, especialmente nas repetições discriminatórias, que por vezes são expressas de forma habitual e sem a intenção de discriminar, ora pela verbalização estigmatizada dos indivíduos, ora pelo pouco conhecimento no que diz respeito à temática da diversidade. Quando os sujeitos 7 e 10, afirmam que: "não me sinto totalmente pronto para me assumir, não são todas as pessoas que têm a mentalidade para aceitar e respeitar" (S7). [...] "com relação a aceitação dos meus colegas, alguns aceitam, outros fingem, e alguns percebo que odeiam" (S10). [...] "já pensei em parar de frequentar a escola, mas não paro pois é algo essencial (S10)." Tais narrativas vão ao desencontro da inclusão da diversidade, na qual

> [...] las relaciones de poder y normas sociales que limiten e impongan prácticas que violenten a una persona por motivos de génerotransgredenno sólo su bienestar, sino sus derechos humanos, los cuales están protegidos por pactos internacionales y leyes establecidas en los países que hayan firmado dichospactos (REYES, 2022, p. 10).

Deste modo, deixando evidente que, a política atual de promoção igualitária referente à comunidade LGBT exterioriza a necessidade de garantias constitucionais, buscando aprimorar os direitos individuais no âmbito das transformações. Assim, contribuindo para o rompimento de barreiras culturais, cuja razão é caracterizada por atuações homofóbicas e que geram exclusões sociais. Os estigmas relacionados à comunidade LGBT são desfavoráveis ao preceito legal estabelecido em sociedade, principalmente se considerada as constantes violações discriminatórias de caráter preconceituoso, que afetam e marginalizam cada vez mais os membros da população LGBT.

É importante ressaltar que as discussões acerca das identidades contemporâneas são pautadas na construção da sexualidade. Deste modo, comportamentos e pensamentos são fatores que contribuem para as formações sociais, com ênfase maior no nível dos indivíduos, da interação entre eles, da sociedade e do mundo, trazendo a indissociabilidade que permeia na harmonia entre tais fatores.

> As escolas, não importa o quanto elas desejem sugerir de forma diferente, estão repletas de opressão de categoria de gênero e opressão de transgressão de gênero. Para superar isso, é imperativo que as políticas direcionem um meio pelo qual essas formas de opressão possam ser totalmente desligados do sistema de ensino (SARTORI, 2021, p. 10).

Assim sendo, cabe ressaltar os impactos e a falta de representatividade no ambiente escolar, uma vez que transgressões e episódios homofóbicos sejam manifestados de forma sistemática, através de provocações, insultos e por vezes, agressões, causando aos indivíduos uma série de prejuízos, que podem ter sérias consequências a longo prazo, principalmente se considerada a saúde mental, a ansiedade e o risco de depressão. Embora a escola tenha um papel fundamental na construção da educação, bem como no comportamento de atitudes, é de impressionar a falta de medidas, que tenha como objetivo, a extensão da pluralidade e do acolhimento aos cidadãos, os deixando à mercê da vulnerabilidade psicossocial.

No quadro 4, a continuação, é possível explorar o resultado da análise da ATD com as narrativas que corroboram a categoria respeito à diversidade. Estas narrativas são construídas por sujeitos LGBTs que conseguiram se sentir pertencentes na escola, apesar da sua condição de ser estranho. Nota-se de forma geral que as narrativas sobre o respeito à diversidade são construídas pelos sujeitos que reconhecem na formação de grupos identitários, no ambiente escolar, a sua rede de proteção e reconhecimento. Longe de compor narrativas que deslegitimem aquelas apresentadas anteriormente, este

grupo de sujeitos compartilham experiências positivas até o momento, abrindo o cenário para reflexões de como o ambiente escolar pode ser fundamental para a construção de relações sociais saudáveis. Observa-se que este grupo não tem a sua condição de gênero e/ou sexualidade como empecilho para a continuação da sua formação escolar.

Quadro 4 - Narrativas da categoria respeito à diversidade

Sujeitos	Narrativas
Sujeito 2	"Me sinto normal sendo da comunidade LGBT, pois hoje em dia ser gay, no âmbito escolar, é algo normal."
Sujeito 2	"Sim, existe apoio por parte dos professores, o colégio é repleto de professores que fazem parte da comunidade LGBT."
Sujeito 2	**"**Nunca sofri nenhum tipo de violência na escola, todos me respeitam."
Sujeito 2	"Me sinto tranquilo e normal, pois a escola é um ambiente acolhedor."
Sujeito 2	"Sim, de certa forma há uma visibilidade para alunos que fazem parte da comunidade LGBT em geral."
Sujeito 4	"Me sinto seguro no ambiente escolar, não vejo nenhum problema em me expressar."
Sujeito 4	"A aceitação dos colegas eu vejo como normal, afinal, eles não me tratam de forma diferente."
Sujeito 5	"Quando chega a hora de me preparar para ir à escola, me sinto bem, tenho mentalidade boa para isso. Considero a escola como sendo um ambiente acolhedor."
Sujeito 3	"Na verdade, minha rede de apoio são os meus colegas, nunca me olharam torto por conta da minha sexualidade, e são os que mais me incentivam a ser quem sou."
Sujeito 6	"Eu vejo a aceitação dos colegas como tranquila, todos me respeitam."
Sujeito 6	"A escola acolhe a gente, mas parece que fazem isso por obrigação, e não porque entendem a gente."
Sujeito 7	"A escola é fundamental apesar de tudo."
Sujeito 8	"Ser LGBT na escola é normal, sem preconceitos."
Sujeito 8	"A aceitação dos colegas é boa, alguns também fazem parte da comunidade."
Sujeito 9	"Ser da comunidade LGBT estando dentro da escola é algo completamente normal, não vejo problemas."
Sujeito 9	"Me sinto segura dentro do ambiente escolar."

Fonte: Elaboração própria.

O respeito à diversidade é visto como fundamental para o fomento da pluralidade, principalmente no que diz respeito aos direitos fundamentais e a efetivação do desenvolvimento social. Possibilitando assim, a reflexão dos valores da sociedade na ótica da inclusão. Deste modo, buscando compreender que a democracia é fortalecida, de forma substancial, através da pluralidade, em que o respeito às pessoas aparece como algo essencial, que visa contribuir para o mecanismo de evolução da sociedade. O sujeito 2, aborda a importância da escola como um espaço inclusivo, quando pontua que: **"**nunca sofri nenhum tipo de violência na escola, todos me respeitam" (S2). [...] "me sinto tranquilo e normal, pois a escola é um ambiente acolhedor" (S2).

> Sexual minorities generally do not receive socialization around their sexual identity at an early age, because often their key attachment figures (e.g., parents) are not LGBQ+. Given that the construction of whether and how to define bisexuality occurs within specific social contexts, namely within and outside sexual minority communities, it follows that bisexual people's self-concepts would differ depending on their own definition and the communities with which they

> are involved. Outside of these interactions with communities, people with bisexual attractions must rely on broad discourses, such as those within mainstream media, for understanding their experiences. Thus, as the representation of sexual and gender minorities in mainstream media has increased over the years, media may be one possible source of socialization for sexual minorities (POLLITT; ROBERTS 2021, p. 6).

É salutar destacar que os preceitos plurais da sociedade, como a igualdade e o respeito, são essenciais e de grande valia para o pleno desenvolvimento da vida coletiva, porém, não são vistos de forma recorrente e atuante nos meios de ensino, isto porque, é comum verificarem-se as mais diversas formas de preconceito e desrespeito, sobretudo com relação ao gênero, à orientação sexual e à identidade de gênero da outra pessoa. A perspectiva de inclusão e pertencimento do sujeito 2 reflete uma dimensão das relações sociais possíveis no ambiente escolar, mas tá longe de representar a tendência geral.

Quando se observam as medidas inclusivas que são adotadas de forma corriqueira nos meios de ensino acerca do respeito à diversidade e das estratégias de inclusão, percebe-se que ainda há muito caminho a ser trilhado, principalmente no âmbito das relações entre a totalidade e a particularidade. Pode-se pontuar experiências particulares, como a do sujeito 2, que podem apontar para a construção de relações menos dissimétricas entre os heteroafetivos e os homoafetivos, mas geralmente, essa relação releva níveis de tensão que provocam quadros de violência bastante significativos, como pôde ser verificado no quadro 3.

Ao se analisar as narrativas é preciso trazer à tona a reflexão e a importância do debate para cooperação do bem-estar coletivo, algo que por vezes é deixado de lado, principalmente quando casos que visam a discriminação e o preconceito são observados. O respeito e a igualdade pertencem ao âmbito da regulamentação legal, e por isso, devem ser tratados conforme estabelecido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), não havendo espaço para desrespeito e falta de empatia.

> Embora a educação escolar seja vista como um fator essencial para garantir a inclusão da população LGBT, o que se percebe é que, por falta de preparo da comunidade escolar em atender e respeitar a singularidade dos sujeitos, muitas vezes ocorrem em âmbito escolar situações de desrespeito ao diferente, gerando a violação do direito ao acesso e de permanência a o ensino escolar das minorias sexuais (CASALI, 2020, p. 25).

De acordo com o excerto narrativo acima, observa-se a precariedade da representação de padrões existentes nos meios de ensino, que além de antagônicos aos preceitos plurais de democracia, perpetuam violações e retrocessos, sobretudo no que diz respeito a inclusão da população LGBT no cenário educacional. Concomitante a esta realidade, a contemporaneidade, estabelecida através da lógica singular dos indivíduos, permite que os estudantes, de forma inaceitável, estejam sujeitos a todos os

tipos de desrespeito, bem como a triste realidade dos discursos homofóbicos. Tais condutas são repreensivas e levantam uma série de questionamentos a respeito do papel da escola no desenvolvimento dos cidadãos, evidenciando que, a escola deve ter, como lema de suas atribuições, a garantia da igualdade, fazendo do ambiente escolar um espaço mais democrático, despertando aos alunos a grandeza da reflexão, da transformação, e que possam agir e criticar de forma mais coerente e humana, sem atacar e causar nenhum tipo de discriminação.

Os sujeitos 2, 4 e 6 abordam o respeito à diversidade como mantra central das suas vivências individuais no ambiente escolar, quando destacam: "me sinto normal sendo da comunidade LGBT, pois hoje em dia ser gay, no âmbito escolar, é algo normal" (S2). [...] "a aceitação dos colegas eu vejo como normal, afinal, eles não me tratam de forma diferente" (S4). [...] "eu vejo a aceitação dos colegas como tranquila, todos me respeitam" (S6).

Neste sentido, a estrutura social a qual o aluno faz parte, traz consigo um debate interessante, na qual a construção de elementos que abarcam a temática da diversidade possuem uma atuação extremamente importante para a sociedade, uma vez que, as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade compreendem a diversidade, sobretudo no meio social.

O sujeito 5, demonstra que lida de forma excepcional com o fato de ser membro da comunidade LGBT, bem como ao fato de ir à escola:

> Quando chega a hora de me preparar para ir à escola, me sinto bem, tenho mentalidade boa para isso. Considero a escola como sendo um ambiente acolhedor (S5).

Destarte, e para ampliarmos a discussão que abarca a categoria do respeito à diversidade, é preciso que os direitos efetivos de cada indivíduo sejam levados em consideração, isto porque, não é aceitável que rompantes antidemocráticos se apresentem como barreiras impedidoras do progresso social no âmbito escolar, os indivíduos precisam, como dito no exposto acima pelo sujeito 5, considerar a escola como sendo um espaço acolhedor e de fundamental importância para o desenvolvimento do sujeito. O gênero, tal qual a sexualidade e a identidade de gênero, não podem, sob nenhuma circunstância, ser a motivação de condutas discriminatórias.

Levando em consideração os aspectos colaborativos para os avanços educacionais, os sujeitos 8 e 9 são pontuais quando afirmam que: "ser LGBT na escola é normal, sem preconceitos" (S8). [...] "me sinto segura dentro do ambiente escolar" (S9). As escolas tendem a seguir um discurso segregador, imposto pela norma heteronormativa. No entanto, as referidas falas, dos sujeitos 8 e 9, trazem a ideia de um cenário acolhedor, onde os planos educacionais e a ordenação social são vistos como meios inclusivos, sobretudo no que concerne a dignidade da pessoa humana dentro do ambiente escolar.

> A adoção da proposta da inclusão coloca em pauta o funcionamento e organização do sistema de ensino, ou seja, é a escola que deve adequar-se à inserção de todos, com a garantia de participação e aprendizagem. Como? Quando no seio da escola há uma cultura homogeneizadora, normalizadora e cristalizada que impede e recusa o fluir para uma educação equitativa e justa. A escola para todos não tem sido a escola de todos. Dito isto, muito mais proveitoso é indagar: Quais são as condições do problema da inclusão? Enfim, é um desassossego que demanda o (re)inventar da inclusão (SANTOS; VASCONCELOS, 2023, p. 3).

A compreensão trazida a partir da citação acima, denota a deliberação de questões relacionadas à temática da diversidade inclusiva, trazendo a responsabilidade no que concerne aos momentos de formação e reflexões, assim como, a necessidade de políticas de equidade, que têm como propósito elevar as demandas pela igualdade social.

Sobre isso, Terto e Souza (2015) pontuam que a demanda pelo reconhecimento dos direitos LGBT vem de forma progressiva atuando para o fortalecimento de mecanismos de integração, fortalecendo, desta forma, a temática da orientação sexual como estratégia para suprimir a discriminação. Além disso, e levando em consideração o discurso político e teórico, nota-se as distinções baseadas no empirismo do caráter social, que de forma elementar, põe em prática a escolha do objeto sexual, que sobre as demandas de vivência em sociedade, são recorrentemente construídas.

A democracia aceita e defende o contraditório, mas, de forma alguma é capaz de tolerar ataques e insultos proferidos de forma vil e desrespeitosa aos cidadãos, isto porque, todos somos iguais perante a lei, conforme consta na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Desta forma, todos precisam ser plenamente respeitados. Não existe plena liberdade de expressão quando o assunto é ofender ou atacar, quando tais ofensas esbarram nos direitos individuais do cidadão, deixa de ser um comentário infeliz e passa a ser crime. A democracia não deve, sob hipótese alguma, permitir-se ser relativizada.

O quadro 5 apontará, em meio a múltiplas narrativas, caminhos apresentados pelos entrevistados para que o ambiente escolar possa ser desenvolvido de forma acolhedora e capaz de abrigar a diversidade humana como dimensão fundamental nas relações estabelecidas dentro da escola e para além dela. O que foi proposto pelos estudantes órbita entre soluções práticas e imediatas e aquelas que necessitam de maior reflexão e implantação de políticas transversais que ajudam a construir um ambiente mais harmônico.

De forma geral, a aceitação da diversidade humana dentro do ambiente escolar é observada como uma modalidade que precisa, inadiavelmente, ser moldada, uma vez que, as formas de violência ocorrem de maneira clara, expressando a crueldade, que por vezes, os sujeitos da comunidade LGBT são submetidos. Esta realidade, faz com que, tais sujeitos, enfrentem a perpetuação da invisibilidade através das violações a que seus direitos estão submetidos. Os sujeitos 1, 2 e 4, expressam a diversidade como sendo fundamental, e tendo completa relação com as experiências construídas no ambiente escolar.

Deste modo, cabe destacar que as sugestões apresentadas no quadro 5 trazem, além de reflexões, uma discussão acerca do convívio social dos alunos, abordando o medo e as possíveis melhorias no tocante ao progresso da diversidade humana dentro do âmbito escolar.

Quadro 5 - Sugestões de como melhorar o ambiente escolar em relação a aceitação da diversidade humana

Sujeitos	Sugestões
Sujeito 1	"Primeiramente respeito, porque sabemos que a diversidade está em todos os lugares, e que ninguém é, ou precisa ser igual a ninguém. Pessoas evoluem, pessoas mudam, seja pensamentos, aparência, gostos e etc."
Sujeito 2	"Eu acredito que o colégio é como uma segunda casa para muitos alunos, e devido a isso, ele deveria, de forma reiterada, informar e reafirmar, que enquanto ambiente público e social, ele é um local acolhedor e provedor da diversidade cultural e social, onde todos podem ser quem são sem medo de repressão."
Sujeito 3	"Falando mais abertamente sobre sexualidade e afins. Que possa haver mais troca entre professor e aluno, conversas simples, mas que mudam completamente a desenvoltura de alunos que ainda não se sentem confortáveis sobre sua sexualidade, como eu. Algo que contribuiria muito também, seriam palestras que abordassem esses temas, enaltecendo a questão do respeito, independente da sexualidade de cada um."
Sujeito 4	"É importante promover a conscientização sobre a diversidade desde muito cedo, podendo começar a partir do 1º ano do ensino fundamental, onde de certa forma, o indivíduo começa a aprender as coisas relevantes."
Sujeito 5	"Fazendo com que os indivíduos tenham mais noção, muita gente é preconceituosa mas não percebe."
Sujeito 6	"Fazendo palestras e trazendo pessoas que fazem parte da comunidade LGBT para falar sobre suas vivências."
Sujeito 7	"Acho que a comunidade escolar deveria ter um melhor preparo para acolher e lidar diariamente com pessoas da comunidade LGBT."
Sujeito 8	"Que a escola parasse de dividir os alunos entre meninos e meninas."
Sujeito 9	"Tratar mais do assunto gênero e sexualidade de forma natural, sem tabus."
Sujeito 10	"Preparar todos que trabalham na escola. Além disso, contribuir através de palestras e tocando no assunto cada vez mais."

Fonte: Elaboração própria.

Considerando a educação um mecanismo de construção social focado no conhecimento, é pertinente salientar que, conforme dito pelos sujeitos 3, 5 e 6, os indivíduos, além de precisarem ter mais consciência para lidar com a diversidade, abordam à discussão deste tema como sendo o cerne central da inclusão dentro da escola, buscando o acolhimento e as formas de diminuir os tipos de preconceito. Outrossim, a conscientização, bem como a abordagem da sexualidade, são cruciais e geram diferentes formas de promover a cultura social do respeito dentro do ambiente escolar.

Ademais, os sujeitos 7, 8, 9 e 10, abordam em suas sugestões a importância do desenvolvimento quanto a personalidade do indivíduo, buscando evitar as causas que influenciam a discriminação e possibilitam o distanciamento da inclusão na diversidade, desta forma, fazendo com que, a ruína dos direitos fundamentais e a atribuição necessária frente a representação social seja reduzida.

É fato que as injustiças cometidas de forma delituosa contra a comunidade LGBT são preocupantes e geram diversos abusos contra os indivíduos na sociedade. Assim, as violações de

direitos, precipuamente no que diz respeito a ruptura das garantias constitucionais, possibilitam o agravamento das formas de discriminação, sobretudo na consolidação das questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste texto, acredita-se que os esforços de análise e diálogo com os sujeitos da comunidade LGBT em escola do norte baiano buscou relacionar as múltiplas facetas que permeiam os dilemas sociais construídos através das questões de gênero, sexualidade e identidade de gênero, com as quais discutimos a importância do cenário educacional para a construção de um ambiente mais inclusivo, respeitando, deste modo, as distintas formas de viver a diversidade no âmbito escolar, bem como na sociedade.

Ademais, observou-se que os sujeitos "estranhos", se veem como invisibilizados dentro do cenário educacional, uma vez que, percebem tratamentos diferentes no que tange suas percepções e singularidades individuais, terceirizando o protagonismo de sua identidade, impossibilitando assim, o acolhimento a transformação.

De um modo geral, foi percebido que as conceituações de gênero e sexualidade, além de presentes dentro do âmbito escolar, precisam de mais discussões, assim como debates e implementações, que visem a inclusão de todos, para que desta forma injustiças, discriminações e preconceitos não sejam cometidos e nem naturalizados, uma vez que, marcam o indivíduo para sempre, causando traumas e danos, que por vezes, podem ser considerados irreversíveis, acompanhando o indivíduo por toda a sua vida.

Há de se evidenciar a importância da elaboração de duas categorias centrais de análise: discriminação social e respeito à diversidade, para entender a dinâmica escolar, isto porque, percebeu-se que as categorias possuem pesos diferentes no que tange a representação social e a visibilidade como estratégia política e inclusiva, ressaltando assim a importância das concepções de igualdade e direitos no âmbito escolar. A categoria discriminação social evidenciou as dificuldades de lidar com a sexualidade, bem como a incorporação de discursos preconceituosos que refletem na identificação dos sujeitos e impossibilitam o progresso da diversidade. Tais práticas discriminatórias são sustentadas pelo discurso binário sedimentado pela norma social, que favorece, nesses termos, a heteronormatividade. Em contrapartida, na categoria respeito à diversidade, constatou-se que a manifestação da sexualidade dos sujeitos dentro do ambiente escolar não é vista como incômodo, nem como algo que rompe com o tradicional, permitindo assim, construir referências que visem a desconstrução binária que orienta os discursos e que minimiza a existência das várias identidades.

Assim, fica exposto de forma inevitável, a urgente necessidade de um arcabouço inclusivo, que atue em prol da construção de caminhos formativos que possam garantir uma educação inclusiva com propostas pedagógicas e plena garantia de direitos, principalmente no que tange às dificuldades e incertezas educacionais demonstradas nas últimas décadas, e que amplia o sofrimento que à comunidade LGBT sofre sempiternamente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. "O que é um estudo de caso qualitativo em educação". **Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade**, vol. 22, n. 40, 2013.

ANDREANI, V.; IVANKOVIC, F.; DÍAZ, C. "Prácticas sexuales no heteronormadas en mujeres: violencias y (des) atenciones ginecológicas". **Revista Punto Género**, n. 19, 2023.

BAEZ, J. "Identidad de género: desafíos y límites a las políticas de inclusión en la escuela secundaria de la Ciudad de Buenos Aires, Argentina". **Revista Punto Género**, n. 7, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativo do Brasil**. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 18/08/2023.

CASALI, J. P. "**A Escola Ignora Essas Questões"**: O Silêncio em Relação à Diversidade Sexual e as Discriminações Contra a População LGBT no Ambiente Escolar (Dissertação de Mestrado em Educação). Campo Grande: UFMS, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LUH, H. J. *et al*. "Preparing LGBTQ youth for the high school to college transition: a multidimensional approach". **Research Gate** [2023]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 18/08/2023.

MARSHALL, M. C. "Docencia e Inclusión LGTBIQ+: Revisión de investigaciones sobre prácticas pedagógicas queer en las escuelas". **Revista Punto Género**, n. 18, 2022.

MELO, N.; MENDONÇA, R.; CARDOSO, F. S. "As intersecções entre gênero e educação em direitos humanos na produção do conhecimento (2015-2020)". **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, vol. 28, 2023.

MORAES, R. "Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva". **Ciência e Educação**, vol. 9, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. "Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces". **Ciência e Educação**, vol. 12, 2006.

MOTA, G. M.; PORDEUS, M. P. "Direitos humanos, educação e cidadania LGBT: uma análise das ações e programas do estado do Ceará". **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, vol. 9, n. 1, 2023.

OLIVEIRA, E. B.; MENDONÇA, J. L. S. "Familiar com dependência química e consequente sobrecarga sofrida pela família: pesquisa descritiva". **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 11, n. 1, 2012.

PEDROSO, A. P. F. *et al*. "Revisitando o espaço das juventudes na educação de jovens e adultos". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 45, 2023.

POLLITT, A. M.; ROBERTS, T. S. "Internalized binegativity, LGBQ+ community involvement, and definitions of bisexuality". **Journal of bisexuality**, vol. 21, n. 3, 2021.

QUEIROZ, I. S. **Práticas de enfrentamento à discriminação aos alunos e alunas LGBT** (Trabalho de Conclusão de Curso em Gênero e Diversidade na Escola). Minas Gerais: UFMG, 2016.

REYES, A. I. C. "La construcción de referentes de género y sus implicaciones en la violencia de género en las universidades". **Revista Punto Género**, n. 18, 2022.

SANTOS, R. M. B.; VASCONCELOS, T. C. "Episódios formativos em educação matemática inclusiva na abordagem do desenho universal para aprendizagem". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 45, 2023.

SARTORI, T. L. "Políticas Públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual". **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Revista Pemo**, vol. 3, n. 3, 2021.

SOUSA, C. *et al*. "Narrativas de alunos/as da comunidade LGBTQ+ no espaço da Universidade Federal do Piauí: tensões e abalos". **Brazilian Journal of Development**, vol. 8, n. 1, 2022.

SOUZA, F. S. C.; ANDRADE, L. R. S.; MAGALHÃES, J. S. "Leitura nas mídias digitais: uma pesquisa descritiva a partir da revista capricho". **Anais do X Simpósio Internacional de Educação e Comunicação**. Aracaju: UNIT, 2021.

STORINO, A. L. B.; AMARO, I. "Desenho animado, gênero e sexualidades: "A hora da aventura" e as narrativas dissidentes na escola". **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, vol. 2, n. 6, 2017.

TAVAREZ, J. "Bisexuality's never enough... 'using composite narratives to explore bissexual students' experiences within LGBTQ campus Spaces". **Journal of LGBT Youth** [2023]. Disponível em: <www.tandfonline.com>. Acesso em: 18/08/2023.

TERTO, A. P.; SOUZA, P. H. N. "De Stonewall à Assembleia Geral da ONU: reconhecendo os direitos LGBT". **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, vol. 3, n. 6, 2015.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 16 | Nº 46| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima